



---

## Problematizações sobre o cotidiano escolar e práticas de avaliação no Ensino Fundamental a partir da vivência no estágio supervisionado em Geografia

**Ana Carolina de Oliveira Barroso<sup>1</sup>**

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ/FEBF

**Resumo.** Estágios são momentos onde temos a oportunidade de observar e experimentar elementos que aprendemos em sala de aula, pensando em quais práticas escolhemos e aprimoramos no futuro. É hora de entender, analisar e vivenciar a relação teoria-prática. Para ampliar a percepção da totalidade, compreender a dinâmica que molda/moldou a realidade escolar é fundamental, ilustrando o geográfico presente e construindo o pensamento geográfico na geografia escolar por meio dos conteúdos que são veiculados nas aulas, norteados por conceitos e princípios. Portanto, o presente relato é o resultado do trabalho de observação realizado durante o estágio realizado em uma escola municipal importante do município de Duque de Caxias. E tem o objetivo de apresentar, analisar e repensar a docência nas aulas de Geografia da educação básica, neste caso, do Ensino Fundamental II. Além disso, tem o objetivo de destrinchar as questões relativas à avaliação escolar e sua interferência na dinâmica de aprendizagem.

**Palavras-chave:** Estágio supervisionado; Ensino Fundamental; Geografia escolar; Práticas de Avaliação; Cotidiano escolar.

### **PROBLEMATIZATIONS ABOUT THE SCHOOL ROUTINE AND ASSESSMENT PRACTICES IN ELEMENTARY SCHOOL BASED ON THE EXPERIENCE IN THE SUPERVISED INTERNSHIP IN GEOGRAPHY**

**Abstract.** Internships are moments where we have the opportunity to observe and experiment with elements we learn in the classroom, thinking about which practices we choose and improve in the future. It is time to understand, analyze and experience the theory-practice relationship. In order to broaden the perception of totality, understanding the dynamics that shapes/molded the school reality is fundamental, illustrating the present geographic and building geographic thinking in school geography through the contents that are conveyed in classes, guided by

---

<sup>1</sup> Licenciada em Geografia; Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBF/UERJ).  
E-mail: [acaroliveira34@gmail.com](mailto:acaroliveira34@gmail.com) ORCID: 0000-0002-4

concepts and principles. Therefore, the present report is the result of the observation work carried out during the internship carried out in an important municipal school in the municipality of Duque de Caxias. And it aims to present, analyze and rethink teaching in Geography classes in basic education, in this case, in Elementary School II. In addition, it aims to unravel issues related to school evaluation and its interference in the learning dynamics.

**Keywords:** Supervised internship; Elementary School; School Geography; Assessment Practices; School Routine.

### **PROBLEMATIZACIONES SOBRE LA RUTINA ESCOLAR Y PRÁCTICAS EVALUATIVAS EN LA ENSEÑANZA BÁSICA A PARTIR DE LA EXPERIENCIA EN LA PASANTÍA TUTELADA EN GEOGRAFÍA**

**Resumen.** Las pasantías son momentos donde tenemos la oportunidad de observar y experimentar con elementos que aprendemos en el salón de clases, pensando en qué prácticas elegimos y mejoramos en el futuro. Es hora de comprender, analizar y experimentar la relación teoría-práctica. Para ampliar la percepción de totalidad es fundamental comprender las dinámicas que configuran la realidad escolar, ilustrar el presente geográfico y construir el pensamiento geográfico en la geografía escolar a través de los contenidos que se transmiten en las clases, guiados por conceptos y principios. Por lo tanto, el presente informe es el resultado del trabajo de observación realizado durante la pasantía realizada en una importante escuela municipal del municipio de Duque de Caxias. Y tiene como objetivo presentar, analizar y repensar la enseñanza en las clases de Geografía en la educación básica, en este caso, en la Enseñanza Básica II. Además, pretende desentrañar cuestiones relacionadas con la evaluación escolar y su interferencia en la dinámica de aprendizaje.

**Palabras clave:** Pasantía supervisada; Enseñanza fundamental; Geografía escolar; Prácticas de Evaluación; Rutina Escolar.

## Introdução

A Escola Municipal aqui retratada, trata-se de uma popular instituição de ensino localizada no município de Duque de Caxias/RJ e atende alunos da Educação Básica, sendo esses do ensino fundamental (anos iniciais e finais). Mas, nem sempre a escola teve esse endereço. Foi criada nos anos 40 por iniciativa de um grupo de moradores de Duque de Caxias e mantida devido a uma campanha de alfabetização que acontecia nas proximidades devido à falta de escolas. Contudo, foi só na metade dos anos 50 que foi “agregada” pela prefeitura e transformada em um ginásio público, no local hoje conhecido.

O prédio conta com mais de 27 salas, contando com uma biblioteca, um pequeno e sala temática de geografia. Tal sala consiste em um espaço adaptado para algumas práticas geográficas, mas acaba sendo utilizada como sala de aula devido às obras da instituição e também pela falta de verba e recursos. A mesma possui alguns mapas, mesas e cadeiras que possibilitam a alfabetização cartográfica, além de exposições dos trabalhos já feitos pelos alunos.

O espaço físico também dispõe de cozinha, refeitório e quadra de esportes, que vive sempre cheio de alunos. Apesar de ter uma estrutura com muito potencial, urge a necessidade de investimentos na atualização da escola, tecnologicamente, estruturalmente e até mesmo em questões de acessibilidade, visto que o principal acesso às salas é por meio de escadas. E essas não possuem televisão ou qualquer aparelho eletrônico para transmissões de vídeos ou até mesmo slides. A circulação de ar é somente por janelas, muitas delas quebradas, e ventiladores.

Constata-se neste estabelecimento de ensino, conforme minha impressão, que o mesmo parece vigiado 24h e extremamente controlado apesar de não ter câmeras. Todas as janelas possuem grades e até mesmo as portas, além disso possuem dezenas de inspetores circulando por todo o espaço, sendo essa uma pauta dos alunos em uma das aulas frequentadas, onde eles dizem: “Parece uma prisão”. Devido a isso, alguns dos espaços não pude frequentar, como por exemplo, o refeitório.



## Entre expectativas e realidades: o cotidiano escolar exposto

O meu primeiro dia de estágio foi de muitas expectativas e fortes emoções, podendo definir a minha vida docente, ou não. Apesar de toda a expectativa, foi um dia bem tranquilo e com algumas observações importantes.

O professor X foi muito receptivo com os estagiários. O mesmo nos traz uma reflexão muito importante, através de sua trajetória docente, acerca do desmonte das turmas de EJA nas escolas do município de Duque de Caxias e a realocação dos professores para outras funções, de forma que os mesmos cumpram suas cargas horárias. Além disso, ele comentou sobre as problemáticas decorrentes da pandemia da COVID-19, a imaturidade dos alunos, deficiências na alfabetização, idades distintas e agressividade.

Todas as quintas-feiras, o docente X pega o 1º tempo com uma das turmas do 9º ano. Essa aula é rápida e não permite o desenvolvimento de muitas atividades, visto que a turma já chega bem agitada e leva tempo para se alinhar com os objetivos. O professor nos conta que normalmente, por não ter tempo para planejamento, utiliza essa aula para resolução de exercícios do livro didático. Como o uso do celular nessa turma é muito intenso, ele acaba permitindo que os alunos o utilizem para ouvir música, mas alguns nem abrem o recurso para resolução dos exercícios, já outros usam o celular para buscar as respostas.

Em contrapartida, no segundo dia de estágio os problemas começaram a aparecer, pois os professores de geografia e outras disciplinas da instituição faltam com certa frequência e não existe nenhuma política de substituição, com profissionais adequados. Então, eu e meus colegas fomos “convocados” pela diretora para aplicação de atividades e a organização da sala de geografia, para não ficarmos “à toa” na fala da mesma. Situação recorrente em outros dias de estágio. Fato que evidencia uma recepção de mais estagiários do que o normal na unidade escolar, pois os quais são vistos como “tapa buracos”, ou seja, para exercer funções que não cabe a nós!

O professor Y possui mais de 20 anos de carreira e nos traz uma perspectiva bem tradicional. O mesmo, apesar de todas as suas limitações, se mostra preocupado com sua metodologia e também procura aprender com os



estagiários. Essa turma acompanhada no terceiro dia, em específico, apresenta diversos alunos com defasagem no processo de alfabetização. O docente nos aponta a sua dificuldade, pois tenta alfabetizar os alunos, sem sucesso. O professor Y apresenta suas preocupações com o futuro da educação. Ele demonstra-se muito cansado com as reduções de salário, ou falta de reajustes, e o comportamento dos alunos em relação às aulas.

Em uma de nossas conversas, o professor Y nos conta a importância do planejamento da aula e suas divisões em momentos, para melhor realização das mesmas. Esses momentos consistem em tempos de relaxamento, confraternização, exposição do conteúdo, alinhamento com a realidade do aluno e avaliação ou fixação de conteúdos. O mesmo foi feito nesta aula, com o conteúdo de coordenadas geográficas. Apesar do desenvolvimento da aula ter acontecido sem muitas intercorrências, o discurso do “faça isso pois vale nota” foi muito intenso, inspirando a minha pesquisa posterior.

Por fim, devido a recusa dos alunos em relação aos estagiários, uma situação me deixa muito impactada quando uma aluna me questiona: “O que você está fazendo aqui?” Após uma breve conversa sobre nossa graduação e formação para futuros professores de geografia, ela diz: “Pensei que no futuro não ia ter mais ninguém para dar aula. Não vou colocar minha filha na escola, só eu sei o que estou passando”. Então essas palavras nos fazem refletir como a escola hoje tem o papel de “tortura”, cansativa, chata e forma indivíduos sem perspectivas, na educação e na profissão do professor.

No quarto dia de estágio eu e uma outra estagiária lidamos com uma turma de 7º ano e como não havia nenhum planejamento, iniciamos uma dinâmica de grupo. Solicitamos para as coordenadoras um material para escrever no quadro e o mesmo não existe na escola. Lembramos a fala do professor de que, após o início do período pandêmico, houve um movimento da prefeitura de Duque de Caxias para a transferência das informações, como frequência de todos os alunos, para um sistema único. Porém, não disponibilizam recursos para acessar esse sistema na escola, como computadores e internet. Isso nos atenta a falta de outros recursos bem básicos na escola, como canetas para quadro, apagadores e outros materiais



didáticos, sendo eles providenciados pelos professores. A atividade consistiu em uma conversa para conhecermos melhor os alunos e suas perspectivas para o futuro, matéria preferida e o que mais gostavam na escola. Aproveitamos para contar mais sobre a UERJ e os cursos da instituição, além de outras universidades públicas e as possibilidades de frequentar esse espaço no futuro. As respostas foram diversas e alguns não levaram muito a sério, ainda mais os mais velhos.

Nessa turma podemos observar a presença de uma mediadora para um aluno em específico, a qual também, acompanha outros, de outras salas, no mesmo turno e ao mesmo tempo, o que demonstra a falta de profissionais capacitados para acompanhar pessoas com deficiência (PCD) e a inclusão efetiva dos mesmos.

A diferença de idade entre os alunos dessa turma é gigantesca, sendo esse mais um resquício dos problemas da pandemia. Além disso, muitos deles tinham problemas de alfabetização e não conseguiam acompanhar os conteúdos.

Eu, como estagiária, num somatório conclusivo, apesar de algumas recusas e indiferenças por parte dos alunos, procurei colaborar ativamente no desenvolvimento da aula, desde o primeiro dia, com escritas no quadro e até mesmo auxílios no desenvolvimento das atividades.

### **Breves tensionamentos das práticas de avaliação na escola**

Com a experiência com o estágio supervisionado, percebi que nossa prática educativa escolar passou a ser direcionada por uma “Pedagogia do exame” (Luckesi, 2011), sendo um dos grandes desafios pelo qual o aluno de um curso de licenciatura tem que enfrentar. Com o objetivo de aprimorar a discussão nessa temática, explorei o texto de Luckesi (2011) onde o principal propósito é a análise dessas práticas avaliativas na educação básica, e então compõe-se de um conjunto de observações gerais sobre a prática da avaliação da aprendizagem na escola.

Dentre as muitas possibilidades metodológicas, uma recorrentemente apontada como a mais importante, sem dúvidas, é a inserção e o



aprofundamento do conhecimento no lugar de vivência do discente. Assim, o autor aponta que, se faz justa e necessária, aprender em escalas de análise que estejam mais próximas e envolvidas na realidade ali inserida, de forma democrática, justa e alcançável, elucidando os conceitos mais importantes para o desenvolvimento do aluno. É preciso, no entanto, problematizar tal caminho metodológico, inferindo que o explorar o vivido se coloca como condição para transitar por escalas de análise, interligando e questionando fenômenos, tendo como horizonte a busca pela totalidade<sup>2</sup>.

Porém, na realidade observada foi expressiva a percepção de que atualmente, todas as atividades docentes e discentes estão voltadas para um treinamento de “resolver provas”. Uma concepção seletiva e propedêutica, tendo em vista a preparação para escolas técnicas no período do ensino fundamental e para o vestibular no período do ensino médio, ignorando as vivências cotidianas e as discussões metodológicas apresentadas.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (1996) e a Base Nacional Comum Curricular (2014), oferecem os conteúdos julgados necessários para o ensino escolar atual vigente do comando capitalista e a instrumentalização desses saberes voltados para o exame obriga o docente a oferecer um ensino que não se compromete com a aprendizagem, mas sim com o cumprimento do programa e os resultados. Luckesi (2011) nos atenta que todas as instituições sociais que estão diretamente ligadas a escola, como os pais, os alunos e até mesmo as instituições de gestão, estão preocupadas com as notas e não em como elas foram obtidas, nem por quais caminhos, como pode ser observado também em meus relatos de estágio. Teoricamente tanto se repete a necessidade de formar cidadãos capazes de exercer e criticar a cidadania, mas o ambiente escolar tem sido um espaço que distancia o saber científico do cotidiano.

Em seguida, o autor nos traz alguns desdobramentos importantes em relação ao histórico dessas ações. As práticas, que já estavam inscritas nas pedagogias dos séculos XVI e XVII, no processo de desenvolvimento da

---

<sup>2</sup> Para Straforinni é questão central no ensino de Geografia, considerando que a realidade é uma expressão do momento, é ao restituir a ideia de totalidade, transitando entre esse todo e as partes que o contém.



sociedade capitalista, e perduram ainda hoje, nos mostram professores que elaboram suas provas para “provar” os alunos e não para auxiliá-los na sua aprendizagem. Além disso, fazem promessas de “pontos” em função de atividades escolares regulares ou extras, que não estão essencialmente ligadas a determinado conteúdo, mas muitas vezes ligadas ao disciplinamento social dos educandos sob a prática do medo e da obediência.

Através de diferentes pontos de vista, o autor elucida problemas decorrentes dos métodos da pedagogia voltada para avaliações. Por exemplo, a descentralização do principal objetivo das avaliações, como o auxílio à aprendizagem dos estudantes. Além disso, psicologicamente, desenvolve personalidades submissas ao capital e colabora com processos de seletividade social, onde somente os mais obedientes e que atendem as estatísticas são “inteligentes”.

No âmbito da avaliação no ensino geográfico, especificamente, uma ciência focada no estudo crítico, da relação sociedade e natureza, Carina Copatti propõe um modelo de “avaliação estética”, pois permitiria a humanização da disciplina, através da reflexão e sensibilização dos alunos ao compreender fenômenos sociais ocorridos no espaço geográfico. A geografia escolar permite a criação de atividades dinâmicas e interativas, a partir de escalas locais, com proposições multiescalares, que também poderiam servir de parâmetro para avaliação como criação de maquetes, mapas, seminários, debates, trabalhos de campo, reproduzindo o que Paulo Freire (1996) chama de uma educação participativa e libertadora.

### **Considerações finais**

A partir dos aspectos observados e vivenciados durante o estágio de Geografia no ensino fundamental, os mesmos revelam um momento central da formação docente, aliado à experiência adquirida. Considero que tal momento é de fortalecimento dos fundamentos da prática educativa, neste sentido norteando concepções de realidade do ensino de geografia, em reflexões e exercícios que integram prática e teoria.

Durante o estágio procurei desenvolver um trabalho dinâmico e



prazeroso, estando perto das crianças e acompanhando as atividades realizadas, com a finalidade de estimular o envolvimento no processo de ensino e aprendizagem. Além de ressignificar a experiência com a geografia escolar, permitiu-me confrontar os conhecimentos debatidos no decorrer da disciplina Estágio Supervisionado II, refletindo sobre como e em que devemos qualificar nossa atuação profissional, apoiando metodologias nos fundamentos do ensino de geografia. Neste sentido, atentando criticamente para produzir modos de avaliar que transgridam os processos alienantes e fetichizantes de controle e se pautem na possibilidade de verificar os caminhos significativos de aprendizagem percorridos e vislumbrar alternativas, novas possibilidades, para formas múltiplas de demonstrar conhecimentos adquiridos.

Conclui-se então que é necessário a compreensão de que a educação é uma prática extremamente complexa e interligada, que não se limita a apenas a verificação de conteúdos e estatísticas. Deve-se lutar e renovar os métodos de ensino, estimulando os alunos a aprender de forma coerente e com melhor aproveitamento do conhecimento.

Graças às minhas observações do estágio, pude perceber que as práticas da geografia escolar só são possíveis por estarem inseridas no cotidiano, pois fazem coerência com a discussão dos diferentes conceitos e categorias de análise. E sim, muito do vivenciado em sala de aula é geográfico e produz diversas possibilidades capazes de desconstruir avaliações tecnicistas e descomprometidas com a formação de discentes críticos geograficamente.



## Referências

BRASIL, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL, **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica**. MEC, Brasília, DF. 2013

BRASIL, **Base Nacional Comum Curricular**. MEC, Brasília, DF. 2014.

COPATTI, Carina. **Avaliação No Ensino-Aprendizagem Em Geografia: Contribuições Da Educação Estética Para Esse Processo**. Olhares: Revista do Departamento de Educação da Unifesp, [S. l.], v. 2, n. 1, p. 168–193, 2014. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/olhares/article/view/150>. Acesso em: 17 dez. 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 3ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LUCKESI, Cipriano. **Avaliação Da Aprendizagem Escolar: Apontamentos Sobre A Pedagogia Do Exame**. Editora Cortez, 2011.

